

Homenagem a António Campos

Marcus Freire & Manuela Penafria*

Para a sua 32^a edição, a *DOC On-line* presta homenagem a um nome maior do cinema português, António Campos, a propósito do centenário do seu nascimento que decorre no ano de 2022.

A filmografia de António Campos é constituída por filmes cuja inclusão será absolutamente obrigatória na história do documentário português (ainda por fazer). Nascido em Leiria a 29 de maio de 1922, António Campos foi um autodidata, um cineasta *amador*. Entre *Histórias Selvagens* (1978), um filme em 16 mm nunca estreado e *Terra fria* (1992), o único estreado comercialmente e rodado em 35 mm, os espectadores que mais viram os filmes foram os de cineclubes, colectividades, associações, agremiações, escolas e festivais de cinema. E António Campos tinha um especial apreço por estes espectadores pois eram, logo à partida, interessados.

Seguindo este apreço por espectadores interessados, os editores da *DOC On-line* convidaram um conjunto de investigadores portugueses e brasileiros para escreverem sobre a obra de António Campos. O resultado é agora publicado no *Dossier Temático* sob o título *António Campos, 1922-2022 – Homenagem pelos 100 anos do seu nascimento*.

O artigo que abre o *Dossier Temático* tem como título “António Campos, o insubmisso: uma veia do amador no registro documentário”, escrito por Guiomar Ramos, que encontra na ideia de “filme amador” a potência estética de António Campos. Seguem-se cinco artigos centrados na dimensão etnográfica de António Campos, nomeadamente: “O cinema etnográfico de António Campos: entre uma abordagem observacional, expositiva e participativa”, de Bertrand Lira centrado na construção narrativa do cineasta.. Em “Aspectos etnográficos na obra documental de António Campos”, José Francisco Serafim considera o filme *A almadraça atuneira* (1961) como obra exemplar etnográfica por apresentar as diversas etapas da pesca do atum. No artigo de Natália Ramos intitulado: “António Campos e o cinema etnográfico: à procura do Eu e do Outro, da cultura e da tradição”, são debatidas as multifacetadas dimensões do “cineasta e cidadão discreto, atento, implicado, resis-

* Editores da *DOC On-line*. Marcus Freire: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Manuela Penafria: Universidade da Beira Interior - UBI/LabCom.

tente, criativo e solidário que foi António Campos”. Em “Algumas notas à margem do filme *Vilarinho das Furnas* de António Campos”, José da Silva Ribeiro estabelece intertextualidades entre o filme *Vilarinho das Furnas* (1971) e a obra de Jorge Dias, *Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária* (1948). E, a finalizar esta dimensão etnográfica de António Campos, no artigo “A vocação etnográfica de António Campos”, Catarina Alves Costa revisita materiais do seu filme *Falamos de António Campos* (2009). Segue-se o artigo de Paulo Cunha intitulado “*Paredes pintadas da revolução portuguesa*, um filme de António Campos” que apresenta esse filme no seu contexto histórico e no percurso do cineasta. Para finalizar o *Dossier Temático*, Paula Mota Santos partilha connosco um artigo intitulado “Do que aprendi com António Campos”.

Na secção *Artigos* publicamos “O estranho caso de *Alto Rabagão* (1966) ou António Reis, genealogia de um estilo”, de Alexandra João Martins sobre um filme que embora não creditado com o nome de António Reis poderá ser a génese de um estilo da dupla dos cineastas portugueses António Reis e Margarida Cordeiro. Em “Genocídio, memória do trauma, afeto e política no documentário *A imagem que falta*, de Rithy Pahn”, Marina Alvarenga Botelho escreve sobre um maior efeito de memória que efeito de real, a respeito do filme de Rithy Pahn. E, para finalizar a secção *Artigos*, Isadora Ebersol discute a construção do discurso documental do filme *Vicenta* em: “A voz daquelas que não puderam falar: breve análise da voz documental em *Vicenta*, de Dário Dória”.

Na secção *Leituras*, Maxime Scheinfeigel oferece-nos uma leitura do livro *Jean Rouch – “Saluts d’irrémediable !” & autres saluts, hommages & portraits*, com textos reunidos e apresentados por Andrea Paganini.

Na secção *Entrevista* publicamos “O corpo em movimento e o processo criativo no filme-diário *Nowhere*: entrevista com Thaís de Almeida Prado e Flávia Couto”, por Lígia Maciel Ferraz e Mariana Rezende Pinto. E, igualmente, na secção *Entrevista*, encerrar a edição 32 da *DOC On-line*, propomos a leitura de “Cláudia Mesquita, Jacques Cheuiche e Carlos Alberto Mattos em debate sobre o filme *O fim e o princípio* (2005), de Eduardo Coutinho” por Kamilla Medeiros do Nascimento.